

RQI 80 anos

Júlio Carlos Afonso
Editor

Fevereiro de 1932. Circulava o primeiro número da Revista de Química Industrial (RQI). Fruto do idealismo e empreendedorismo de Jayme da Nóbrega Santa Rosa (1903-1998), potiguar nascido em Caicó, e formado em Química Industrial pelo curso anexo à Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, estampava desde o seu primeiro editorial o objetivo daquela publicação: promover o progresso do país através de uma sólida interação entre a ciência química e a indústria, significando o futuro de muitas gerações do povo brasileiro.

Esse objetivo explica porque a RQI esteve vinculada em seus primeiros anos ao Sindicato dos Químicos do Rio de Janeiro, então Capital Federal, que lutava pelo reconhecimento e regulamentação da profissão de químico.

Naquela época, a ciência química era também exercida por outros profissionais (engenheiros, médicos, farmacêuticos) e o estudo da química era restrito a poucos estabelecimentos de ensino superior.

Além do secretário-residente da RQI, Jayme Santa Rosa, seu primeiro diretor era nada mais do que o ícone Carlos Eduardo Nabuco de Araújo, e o gerente era J. Cardoso Júnior. Havia ainda três redatores: Taygoara F. Amorim, Henrique Paulo da Cunha Bahiana e João de Mesquita Barros Filho. Suas fontes de recursos eram as assinaturas, as vendas avulsas e a veiculação de propagandas. Cada número continha de 28 a 36 páginas, que é o padrão atual adotado pela RQI.

Desde os seus primeiros números, a RQI tinha uma divisão que lembra um pouco a estrutura atual:

editorial, expediente, índice, artigos técnicos, anúncios de eventos, resenhas de livros; talvez a mais importante dessas divisões fosse as notícias relativas a diversos segmentos industriais (siderúrgico, metalúrgico, cimenteiro, exploração mineral, cosméticas, produtos naturais, farmacêutica, têxtil etc.), pois elas davam um retrato fiel da progressiva introdução de atividades industriais ligadas à química em todos os cantos deste imenso país, ou então indicavam novidades surgidas no exterior (novos produtos, novos processos, novas técnicas de análise química).

Numa época sem internet, fax e outras comodidades da comunicação, dispor de um número da RQI significava estar atualizado quanto a novidades químicas... Os alunos dos cursos de química, química industrial e engenharia química certamente se nutriram de muitas de suas informações ao longo destes 80 anos de vida.

Essa visão além de seu tempo de Jayme Santa Rosa permitiu que a RQI fosse por décadas um canal excepcional para veiculação de propagandas de produtos químicos, serviços, novas fábricas e divulgação institucional de empresas (muitas das quais não existem mais).

Algumas dessas propagandas são belíssimas obras de arte, feitas sem os modernos programas de computação gráfica de que dispomos. Cartas de leitores, assinantes, indústrias e instituições de ensino enviadas à redação da RQI atestavam o prestígio que ela havia alcançado, até mesmo em outros países da América Latina.

Exemplo de trabalho publicado por eminentes nomes da química nacional: Eloísa Biasotto Mano (número 291, 1956)

Análise qualitativa de plásticos

1.º) — IDENTIFICAÇÃO DE PLÁSTICOS CELULÓSICOS

A análise qualitativa de plásticos tem sido objeto de estudo de numerosos autores. Apesar disso, ainda não foi adotado oficialmente método algum, nem temos conhecimentos de método rápido e simples, de uso generalizado e eficiência comprovada,

Eloisa Biasotto Mano
Luiz Carlos O. Cunha Lima
Laboratório de Borracha e Plásticos.

ções características que não são afetadas, em muitos casos, pela presença de outras substâncias. Note-se que um maior ou menor grau de polimerização ou substituição da resina não deverá influir nesse resultado. A execução seria também muito mais



Capas e formatos das logos da RQI nas décadas de 1930 a 1960.

De cima para baixo: número 1 (fevereiro de 1932); número 16 (agosto de 1933); número 63 (julho de 1937); número 146 (junho de 1944)

Outra importante marca da RQI, que se mantém até hoje, é a publicação de artigos técnicos e técnico-científicos, alguns deles envolvendo ícones da química nacional como Eloísa Biasotto Mano, Otto Rothe, Otto Alcides Ohlweiler, Otto Richard Gottlieb, Newton Bhurer, Hebe Martelli e tantos outros. Nestes 734 números da RQI foram publicados cerca de 2 mil artigos.

Após uma breve adaptação ainda em 1932, a periodicidade da revista passou a ser mensal, mantendo-se assim com notável regularidade até abril de 1987, quando Jayme Santa Rosa, após 55 anos e 2 meses, deixou a RQI.

O caráter cosmopolita da RQI era tal que se tornou um veículo de divulgação de eventos e congressos científicos, começando pelo III Congresso Latino-Americano de Química, realizado no Rio de Janeiro em 1937, e os nossos familiares CBQs (a partir de 1943). Em 1940, a RQI se desligou do Sindicato dos Químicos do Rio de Janeiro, passando a ter vida própria, e foi registrada no DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do Governo Getúlio Vargas sob o número 10.344. A partir do ano seguinte, a RQI começou a ceder espaço a agremiações de classe e científicas (como a ABNT, Clube de Engenharia, Sindicato dos Químicos do Rio de Janeiro etc.). A ABQ começou a dispor de espaço na RQI em 1982.

Após os primeiros 15 números, impressos em papel jornal em preto e branco, o número 16 (agosto de 1933) mostrava um novo formato: capa em papel couché com um novo logo da RQI, e a primeiras propagandas em cores. Nova evolução gráfica aconteceu em fevereiro de 1937 (é de se notar que a grafia “Chimica” passou a Química com a reforma ortográfica de 1931, mas somente em junho de 1941 é que essa mudança passou a figurar no título da RQI). Em junho de 1944, nova alteração no logo da RQI passou a vigorar, durando quase 25 anos.



Foto histórica do III Congresso Latino-Americano de Química, no Rio de Janeiro. Aparecem Álvaro Alberto, José de Freitas Machado, Carneiro Felipe e Carlos Liberali. Jayme Sta. Rosa é o primeiro à esquerda (número 62, junho de 1937)



Chamada para o 15º CBQ, no Rio de Janeiro, então comemorando seu 400º aniversário (número 393, janeiro de 1965)

15.º Congresso Brasileiro de Química

Como parte das comemorações do IV Centenário de Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Química promoverá, de 17 a 24 de julho próximo futuro na Guanabara, o 15º Congresso Brasileiro de Química, que reunirá químicos de todo o Brasil e de vários outros países.

Visa o certame dar maior divulgação e promover aprimoramento dos conhecimentos científicos e tecnológicos no país, bem como objetiva fomentar a industrialização brasileira.

Do programa constará a realização de simpósio sobre Desenvolvimento Industrial e Indústria Petroquímica, de reuniões para debates dos seguintes temas principais: a) Técnicas modernas de química analítica; b) Radioatividade e química sub-atômica; c) Química orgânica e bioquímica; d) Conservação de alimentos.

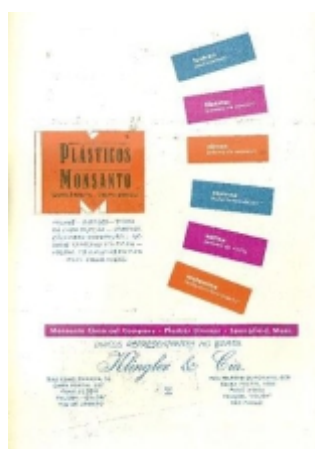
Pretende também a Seção Regional da A.B.Q. da Guanabara, promover simultaneamente uma exposição da indústria química nacional.



O período da II Guerra Mundial afetou a qualidade gráfica da RQI: o número de páginas por número foi reduzido, a qualidade do papel se aproximou daquela do papel jornal e o número de cores foi reduzido. Entretanto, nos editoriais, Jayme Santa Rosa sempre mantinha acesa a chama do desenvolvimento e da consolidação da indústria química no país, ainda mais que muitos produtos antes importados tiveram que ser substituídos por soluções brasileiras ou então fabricados “na marra”. O gasogênio foi talvez o exemplo mais representativo dessa situação. Pouco se falou da guerra em si (exceto quanto à bomba atômica), mas ela fazia as suas marcas na RQI: anúncios de empresas alemãs e mesmo outros países europeus desapareceram, surgindo em contrapartida os primeiros anúncios de empresas norte-americanas, notadamente nos segmentos de petróleo, minerais e combustíveis. Alguns empreendimentos nacionais também apareceram, não havia mais apenas anúncios de empresas brasileiras voltadas a produtos naturais.

O período pós-guerra marcou o início da industrialização em massa do Brasil, particularmente centrado em São Paulo. Ainda nos anos 1940 surgiram as primeiras citações de termos hoje de uso corrente em nosso dia a dia: poluição, resíduos, plásticos, polímeros. Nos anos 1950, televisão, automóvel e eletrodomésticos em geral passam a figurar em seu vocabulário. Testemunhos como esses são uma marca da evolução cultural e comportamental de uma nação graças à inserção da química e dos produtos químicos em seu cotidiano.

Pode-se talvez afirmar que o período entre 1950 e 1970 foi a época áurea da RQI: abundante propaganda, artigos técnicos notáveis, reportagens sobre a instalação de indústrias (como o parque industrial em Cubatão), reportagens sobre marcos de nossa industrialização (criação da Petrobrás, da CNEN, regulamentação da profissão do químico – Lei 2800/56 etc.), entrevistas e homenagens com nomes famosos da ciência nacional – José de Freitas Machado, Leopoldo Miguez, Álvaro Alberto, dentre outros.



Propagandas na RQI: de cima para baixo: número 40 (julho de 1935); número 75 (junho de 1938); número 151 (setembro de 1944, o primeiro anúncio de plásticos); número 597 (março de 1982)

O PROGRAMA DE RÁDIO "HONRA AO MÉRITO" HOMENAGEOU O PROFESSOR JOSÉ DE FREITAS MACHADO



Flagrante do coquetel oferecido pela Esso Standard do Brasil ao Prof. Freitas Machado, homenageado do programa "Honra ao Mérito". Na fotografia vêem-se alguns ex-alunos, entre os quais o químico industrial C. E. Nabuco de Araújo Jr., diretor da Esso.

grama homenageou o professor JOSÉ DE FREITAS MACHADO, figura de relevo do ensino da química no Brasil, e um dos pioneiros dessa ciência em nosso país. Um dos mais nobres sonhos do professor Freitas Machado era uma escola especializada para o ensino da química, comprovadamente tão importante em tempos de paz como na guerra. Tal sonho ele conseguiu realizar ao ser criada a Escola Nacional de Química, para a qual foi logo nomeado Diretor.

Dai para diante, o professor Freitas Machado não mais parou em sua luta, dedicando-se de corpo e alma à Escola e ao ensino da Química, como um verdadeiro apaixonado, consciente do poder da ciência no mundo de hoje.

Homenagem a
José de Freitas Machado (1881-1955),
em 28/01/1953
(número 251, fevereiro de 1953).

SURGE EM BELFORD ROXO UM GRANDE NÚCLEO DA INDÚSTRIA QUÍMICA NO BRASIL

Chamada para a instalação do complexo da Bayer em Belford Roxo,
estado do Rio de Janeiro (número 308, dezembro de 1957)

CHEGOU A VEZ DO PIAUÍ

Energia elétrica para o sul do Piauí

Chegada da luz ao sul do Estado do Piauí, marco do esforço de
eletrificação e de industrialização do Nordeste (número 395, março de 1965)

Estreitou-se a relação da RQI com os Conselhos Regionais e Federal de Química. A política governamental para a indústria passou a merecer mais espaço. Mantém-se a publicação de matérias sobre ensino de química, tradição que vinha desde os anos 1930. Em 1958, a RQI passou a adotar o lema "Publicação Mensal Destinada ao Progresso das Indústrias", que perdurou até 1969. A RQI se dividia então nas seguintes seções: editorial, expediente, sumário, artigos especiais (técnicos ou técnico-científicos), seções técnicas (notícias e artigos de opinião de diversos setores industriais), seções informativas e notícias especiais. Em diversos números publicados na década de 1960, a RQI espelhava, sempre na tenacidade de seu fundador, a necessidade da pesquisa tecnológica para o avanço do país e a redução de sua dependência do estrangeiro. Ou seja, a RQI, acompanhado a evolução da indústria no Brasil, sempre se pautou pela defesa dos interesses nacionais. Outros exemplos dessa postura são a defesa do crescimento da Petrobrás e a valorização das pesquisas de soluções nacionais para seus próprios desafios tecnológicos.

A década de 1970 representou grandes transformações na RQI. A mudança da estruturação da propaganda no Brasil, com o surgimento de agências especializadas em publicidade, e a instituição do IVC (Instituto Verificador de Circulação – a RQI não era auditada por esse organismo) reduziram o nível de propaganda na revista. Anunciantes tradicionais por décadas desapareceram, embora novas empresas,

geralmente de pequeno porte, surgiram em suas páginas. Manteve-se o vínculo com o CFQ e os CRQs. É de se notar que muitas empresas passaram a editar suas próprias revistas e noticiários impressos nessa ocasião. O tamanho dos números da RQI diminuiu de 36 para 28-30 páginas, a qualidade do papel e o número de cores sofreram redução. O logo da RQI sofreu diversas alterações nessa década. Destaca-se o editorial do número 500 (dezembro de 1973), creditando sua longa vida à missão a que se propunha realizar por meio do histórico editorial de fevereiro de 1933. O tema meio ambiente passou a ganhar espaço considerável na revista face aos relatos de impactos ambientais depois de décadas de descaso, decorrentes de um modelo de industrialização sem preocupação com esse assunto. A RQI era editada pela "Editoria Química de Revistas Técnicas Ltda", organizada pelo próprio Jayme Santa Rosa, até abril de 1987.

O número de fevereiro de 1981 registrou a abertura do quinquagésimo ano da revista. Contudo, a década de 1980 marcou a mudança da direção da RQI. A partir de junho de 1988 a ABQ assumiu a responsabilidade pela revista.

Ela já dispunha desde 1983 de uma seção informativa. Retomou-se também a publicação de matérias sobre ensino, destacando-se uma matéria de autoria de Luiz Ribeiro Guimarães, sobre o mestrado e o doutorado (número 597, janeiro de 1982). Consolidou-se o formato até hoje usado pela revista, com números de 28 páginas.

Capas e logos da RQI na segunda metade do século XX.
De cima para baixo: número 435 (julho de 1968);
número 491 (março de 1973); número 668 (abril de 1989);
número 702 (setembro de 1995).



Quando a ABQ assumiu a RQI, a periodicidade sofreu irregularidades. No ano de 1989 sob a editoria de Peter Seidl e a administração comercial de Celso Augusto Fernandes a revista teve 11 números publicados entre fevereiro e dezembro daquele ano. Programações estavam negociadas com empresas e sua agências para 1990. Ocorreu o Plano Cruzado, a retenção dos recursos e todas as campanhas publicitárias foram canceladas. Depois disso a RQI somente conseguiu manter-se de forma trimestral (1990-1991) e semestral (1995-1996). Entre 1997 e 2005 houve praticamente só um número por ano, centrado no CBQ. Praticamente não se tinha mais publicidade, e a venda de assinaturas foi desativada.

Nesse período, três editores se ocuparam da RQI: Wilson de Norões Milfont Jr., José Teixeira Coutinho e Erika Hanssen Dadaleno. Esta última operou uma tentativa de revitalização em 2006 com três números, mas não prosperou. A RQI não foi editada entre 2007 e 2009.

Seria a morte da mesma?

Felizmente, consciente do valor inestimável deste tesouro da química chamado RQI, a ABQ pode re-investir na sua revitalização a partir de 2010, com a edição de números trimestrais. Mesmo num contexto muito diferente das épocas passadas, a RQI mantém dentre seus pilares as missões de divulgar informações e eventos que propiciem a difusão da química



Chamada para sócios da ABQ (número 599, 1982)

a seus leitores e a publicação de artigos técnicos (ou técnico-científicos).

Talvez o maior presente para esta publicação octagenária tenha sido a entrada no ar em janeiro de 2012 de seu portal (www.abq.org.br/rqi), o que alinha a RQI às modernas revistas de todas as áreas de conhecimento, e pode ser considerado um passo crucial para a ABQ revitalizar seu plantel de publicações, indispensável num momento em que a publicação de trabalhos é um importante alicerce para as pós-graduações brasileiras e um fator de realização de seus autores. Pouco a pouco, mudanças serão percebidas nas edições da revista, visando dar a ela uma maior visibilidade, tornando seu conteúdo mais atraente a todos os públicos-alvo. Talvez, e sem exagero, o clímax de todo o trabalho de revitalização da RQI seja a digitalização de todo o seu conteúdo histórico (cerca de 23 mil páginas) em seu portal, permitindo a todos que o acessem gratuitamente, tornando assim permanente a memória da química associada à indústria na sociedade brasileira de ontem, de hoje e do amanhã.

Longa vida para a nossa RQI.

Notas do Editor:

- 1 - Um histórico mais resumido sobre a RQI, de autoria de Celso Augusto Caldas Fernandes, pode ser encontrado no número 726 da revista (1º trimestre de 2010), páginas 4-5.
- 2 - Agradecimentos especiais a Ângelo Cassiano da Silveira França, secretário geral da ABQ, que digitalizou pacientemente todas as figuras que compõem a presente matéria.

